

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em Dia Class.: Lideranças/Raoni
Data: 03/12/88 Pg.: 406

Raoni preside debates sobre meio ambiente



FOTOS BEBEL BALDONI

O cacique Raoni (primeiro à direita), na portaria do Hotel Financial, manteve o bom humor, mas denunciou os ataques do branco à natureza

Foi aberto ontem, na sede da Fumec, o 2º Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano-Ambiente, tendo como presidente de honra o cacique Raoni Txucarramãe. O encontro, que prossegue até segunda-feira, consta de uma série de cursos, conferências e debates, sempre em torno do tema meio ambiente. A promoção é da Associação Mineira de Defesa do Ambiente (Amda), *Association for the Study of Man Environment Relations* (Asmer), do Uruguai, e Parque Biológico Sierra de San Javier, da Argentina.

A ecologista Maria Dalce Ricas, da Amda, disse que o objetivo é formar um fórum de debates, onde os problemas do meio ambiente no Brasil sejam discutidos por representantes de várias entidades de defesa da ecologia do Brasil e de outros países. A intenção é de transformar o 2º Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano-Ambiente em um acontecimento eco-político.

A relação do ser humano com o meio ambiente, hoje, segundo Maria Dalce Ricas, é de puro conflito. Não há uma política ambiental no Brasil e muito menos em Minas. Aqui, empresas como a Usiminas e Acesita e até mesmo o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Flores-

tal (IBDF) são citados pela ecologista da Amda como destruidoras do meio ambiente.

O convite a Raoni para a presidência de honra do encontro é o reconhecimento de seu papel na resistência da comunidade indígena, nesta questão da ação do homem contra a natureza. Mesmo com a intransigência do governo, que contribui diretamente para a destruição da natureza, permitindo a ação de mineradoras, madeireiras, entre outras, determinados segmentos da sociedade continuam se mobilizando para mudar a situação.

Nesse sentido, o encontro também vai possibilitar uma integração de todas as entidades civis, do Brasil e de outros países, que lutam pela preservação do meio ambiente. E participam dos debates representantes de entidades sediadas no Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, além daqueles que vieram do Uruguai e da Argentina.

Os debates prosseguem até segunda-feira tendo como tema principal o meio ambiente. A promoção do encontro é da *Association for the Study of Man Environment Relations* (Asmer), do Uruguai, e do Parque Biológico Sierra de San Javier, da Argentina. Para os organizadores, será um evento eco-político.

Cacique pede ao branco mais respeito

O cacique Raoni Txucarramãe chegou, ontem, a Belo Horizonte para participar do 2º Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano — Ambiente como presidente de honra. Raoni, que chegou por volta de 9 horas ao Hotel Financial, usava, além de um cocar, um relógio de pulso e sapatos que pareciam não deixá-lo muito à vontade.

Raoni afirmou que é muito importante, para o seu povo, que o "branco" respeite mais a natureza. Segundo ele, as mineradoras e as empresas madeireiras estão provocando muitos "estragos" no meio ambiente. No Xingu, onde vivem 3 mil índios, distribuídos em 32 aldeias, o maior temor é com a ameaça de invasão dos posseiros.

Este é o segundo encontro para tratar de assuntos ambientais em que Raoni participa nas últimas semanas. Ele esteve há poucos dias em Belém, onde também fo-

ram tratados problemas indígenas, agravados pela ação do homem sobre a natureza. O cacique Txucarramãe considera positivas as normas constitucionais sobre a questão indígena. Mas, segundo ele, é preciso lutar para que elas sejam cumpridas.

O diretor do Parque do Xingu, Megaron, sobrinho de Raoni, disse que a imobilização dos índios era para evitar os problemas que o "homem branco" está levando para as tribos. Ele acusou o "branco" de ser responsável pela disseminação de doenças como a gripe, a pneumonia e a desidratação entre a população indígena. Megaron informou que a Fundação Nacional do Índio (Funai) procura amenizar essas dificuldades, mas mesmo assim os índios ainda são muito afetados.

Vive no Xingu um total de 16 tribos com línguas e costumes di-

ferentes. As demarcações já foram feitas, mas as ameaças de invasão ainda não foram afastadas. Megaron reclamou que, no Parque, ainda falta um sistema de assistência médica eficiente para reduzir o número de doenças e o elevado índice de mortalidade infantil. Ainda não há dados estatísticos, mas um censo já está sendo feito para fazer esses levantamentos.

Sapatos — Pouco à vontade com seus sapatos de couro, o cacique Raoni não perdeu o bom humor um minuto sequer durante os contatos com a imprensa, ontem. Cumprimentava todos que se aproximavam dele e mais de uma vez falou sobre os atos de desrespeito cometidos pelo homem branco nas terras dos índios. As críticas mais duras foram dirigidas às madeireiras que, na opinião de Raoni, estão provocando muitos estragos no meio ambiente.



Terena (D) disse na abertura do encontro que os europeus se preocupam com a situação dos índios

Terena prevê o rápido fim dos índios

O Brasil tem, hoje, uma população indígena de 250 mil pessoas, dividida em 180 nações, que falam um total de 176 línguas. O número parece expressivo, mas se avaliarmos que no início deste século o país tinha perto de 6 milhões de índios, constata-se que a quantidade de indígenas que foi dizimada foi enorme. Jorge Terena, da União das Nações Indígenas (UNI), afirmou que se providências não forem tomadas para proteção desse grupo étnico brasileiro, ele estará condenado a se extinguir dentro de um futuro próximo.

Terena, que voltou recentemente de Oslo (Noruega), onde participou de um seminário sobre as questões ambientais do Planeta, disse que os participantes ficaram estupefatos com as devastações ocorridas no Brasil nos últimos anos. De 1980 para cá, um total de 600 mil quilômetros quadrados de florestas, equivalente à dimensão da França,

foram devastadas. As queimadas, por sua vez, já consumiram 30 milhões de hectares, da Floresta Amazônica, área equivalente à Alemanha Ocidental.

Ao tomar conhecimento da situação, a Norad, que é entidade norueguesa que fornece verbas para que o Banco Mundial (Bird) financie programas de defesa ambiental no Brasil, está pensando seriamente em cortar essa ajuda. Terena contou que fez um apelo à entidade para que ela procure conhecer a destinação desses recursos, antes de repassar mais dinheiro.

O representante do UNI queixou-se que todo esse descaso do Governo e da classe empresarial para com o meio ambiente acarreta reflexos sérios sobre a população indígena. Dos índios brasileiros, 70% estão concentrados na Floresta Amazônica. Com a destruição da caça e da pesca, que ainda é o principal meio de sobrevivência da maior

parte deles, o futuro desse segmento étnico está ameaçado.

Caso o Governo implante o programa de construção de várias usinas hidrelétricas, intitulado Projeto Ano 2010, uma área de 9 milhões de hectares será inundada na Amazônia. A persistir uma política ambiental nesse sentido, os 5 milhões de quilômetros quadrados de florestas tropicais da Amazônia, que equivalem às áreas da Indonésia, do Zaire, do Peru e da Colômbia somados, não vão resistir por muito tempo.

Para tentar organizar a população indígena, que é a parte mais interessada em uma política ambiental mais racional, está sendo criada mais uma entidade para pressionar as autoridades: trata-se do Núcleo de Direitos Indigenistas. A sua função vai ser a de acompanhar processos criminais que tramitam na Justiça, em casos de assassinato de índios e agir em questões como a demarcação de terras.



Jorge Terena falou sobre o avanço das queimadas na Amazônia